

OXI – Alberto Saraiva

OXI, o vídeo poema de Alberto Saraiva, aproxima a poesia da química e da matemática. Três cápsulas efervescentes carregam as inscrições das letras E, U e T. Postas na água, à mercê do movimento da espuma produzida pelo líquido que lançam em ebulição, essas letras se aproximam, se afastam, se combinam, se fundem, encarnando a plasticidade própria da linguagem: EUT TEU EU TU ET. A ideia de uma combinação algébrica, referida à circulação das letras, é a forma do poema que diz e se esvaece, em tempo real, enquanto assistimos ao vídeo. A fusão funciona como metáfora fisiológica, celular, do silêncio que encerra o que apreendemos: trata-se de um poema alquímico de amor. O amor é dissolução? O amor é a passagem de um ao outro? O amor anuncia dois em um? O amor é cura? Doença? Tem início? Fim? Sim: no poema de Alberto Saraiva, o amor é uma história, uma passagem, uma aventura. Na oxidação, um corpo se transforma pela ação do oxigênio e esta ação se dá no tempo. O tempo é a forma do amor, o seu corpo; duração construída a dois. Alberto Saraiva faz durar esse tempo no que vemos. Tudo é poema. A ideia da efervescência entre os corpos, a mistura, a aparição e a desaparecimento. Entre a aparição, que conjuga o eu e o tu na mesma palavra, e a sua desaparecimento, o poema ocorre. O meio do poema é a sua efervescência; a intensidade que borbulha ausência e presença, encontro e desencontro. O ar e a água atuam como meio. Como em *O Nascimento de Vênus* de Botticelli, onde, pela primeira vez, vemos o efeito do vento no surgimento de uma mulher como aparição do amor e da beleza. Emergência e desaparecimento, como estratégia de discurso também entendida por Jean Baudrillard: “Tudo está na arte de desaparecer. Mesmo assim, essa desaparecimento deixa vestígios, seja ela o lugar de aparição do outro, do mundo ou do objeto. Apenas o que advém conforme o modo da desaparecimento é verdadeiramente outro”.¹ Para um mundo em mutação, uma poética da evanescência, uma arte ao mesmo tempo maquínica e biológica – como nas bolhas de sabão das *BubbleMachines* de David Medalla, como *Condensation Cube* de Hans Haacke – a afirmar, entre a vida nua e a tecnologia, o amor.

¹ BAUDRILLARD, Jean. *A arte da desaparecimento*. Organização de Katia Maciel. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

